



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL- UFFS
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL- PR
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS E
HUMANAS- LICENCIATURA**

**ÂNGELO CRETÃ E A LUTA POR DIREITOS INDÍGENAS NO SUL DO BRASIL:
UM ESTUDO A PARTIR DE SUA BIOGRAFIA**

CALIANDRA KEVIN ALVES

LARANJEIRAS DO SUL

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
CURSO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO DO CAMPO CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS-LICENCIATURA

ÂNGELO CRETÃ E A LUTA POR DIREITOS INDÍGENAS NO SUL DO BRASIL:
UM ESTUDO A PARTIR DE SUA BIOGRAFIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso Interdisciplinar em Educação do Campo – Ciências Sociais e Humanas: Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção do grau de licenciada.

Orientadora: prof. Dra. Fernanda Marcon

LARANJEIRAS DO SUL

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Alves, Caliandra Kevin
ÂNGELO CRETÃ E A LUTA POR DIREITOS INDÍGENAS NO SUL
DO BRASIL: : UM ESTUDO A PARTIR DE SUA BIOGRAFIA /
Caliandra Kevin Alves. -- 2019.
40 f.:il.

Orientadora: Dra Fernanda Marcon.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso
Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais
e Humanas-Licenciatura, Laranjeiras do Sul, PR , 2019.

1. Kaingang. 2. Biografia. 3. Liderança Indígena. 4.
Terra Indígena de Mangueirinha. 5. Ângelo Cretã. I.
Marcon, Fernanda, orient. II. Universidade Federal da
Fronteira Sul. III. Título.

CALIANDRA KEVIN ALVES

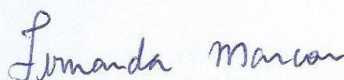
**ÂNGELO CRETÃ E A LUTA POR DIREITOS INDÍGENAS NO SUL DO
BRASIL: UM ESTUDO A PARTIR DE SUA BIOGRAFIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Interdisciplinar em Educação do Campo: Ciências Sociais e Humanas – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus* Laranjeiras do Sul.

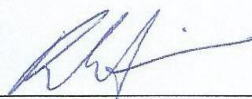
Orientador(a): Profa. Dra. Fernanda Marcon (UFFS)

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 02/12/19

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Fernanda Marcon (UFFS)
Presidente / Orientador(a)



Profa. Dra. Paola Andrade Gibram (USP)
Avaliador



Prof. Me. Cristiano Augusto Durat (Avaliador/UFFS)
Avaliador

Minha dedicatória a um dos maiores defensores
dos direitos indígenas, meu avô, Ângelo dos
Santos Souza Cretã.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades encontradas durante minha formação. Também quero agradecer a UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul – *campus* Laranjeiras do Sul-PR, pela oportunidade que me foi concedida e a todos os professores do curso Interdisciplinar em Educação do Campo Ciências Sociais e Humanas, pelo incentivo e dedicação ao curso. Ao centro de formação CEAGRO e seus colaboradores e funcionários pela dedicação e acolhimento.

Agradeço principalmente à minha orientadora, a professora doutora em antropologia Fernanda Marcon, pelas correções e incentivo em acreditar em mim e me mostrar que era capaz de concluir minha pesquisa, ou seja, meu muito obrigada à melhor orientadora.

Agradeço de forma emocionada à minha família, pai, mãe, esposo e filhos pela paciência e amor, pois muitas vezes me fiz ausente em certos momentos. Ao incentivo, confiança e apoio incondicional em nunca desistir dos meus sonhos.

E enfim, as minhas sinceras palavras de agradecimento ao meu finado avô, o grande guerreiro Ângelo Cretã, pela dedicação às lutas pelo respeito aos direitos indígenas. E a todos que direta e indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre o estudo de biografias nas Ciências Sociais e Humanas tomando como ponto de partida a biografia do cacique e líder indígena Ângelo Cretã, da Terra Indígena de Manguueirinha-PR. Sua trajetória ficou conhecida ao defender os direitos indígenas e a retomada de terras no sul do Brasil. Nesse sentido, o trabalho tem também o intuito de refletir a respeito da política e da liderança entre os povos indígenas, particularmente o povo Kaingang. A pesquisa, de caráter qualitativo, realizou revisão bibliográfica a respeito das biografias de Ângelo Cretã encontradas em trabalhos acadêmicos, observação de campo e realização de entrevistas com familiares de Cretã, além de análise de documentos referentes ao período em que Cretã foi vereador do município de Manguueirinha-PR. A observação de campo foi realizada na T. I Manguueirinha, aldeia Sede, e na Câmara de Vereadores de Manguueirinha-PR, entre os meses de agosto e novembro de 2019, com realização de cinco entrevistas.

Palavras-chaves: Biografias. Ângelo Cretã. Política. Liderança Indígena

RESUMO

Uri in rãnh rãg vy tã eg kairãnh fã to ke ni ciência sociais kar humanas, cacique Ângelo Cretã Terra Indígena Manguairinha –Pr. Ky ti jygre vy kaingag ag jy vãsonh ke mu, ag ga ty mág jé sul do país ki. Ky eg rãnh rãj ki tog respeito da política kar pã-i ag mre kaingag ag kar vy to eg greg mu. Ky eg jygre vy ki grónh ke mu eg respeito ty biografia ki ty pã-i mág ni Ângelo dos Santos Souza Cretã ky inh jygre ty acadêmico, inh sa vê ki Cretã mré ke ag hán ja vê, ky ag ty venra ki to vãmenh ja Cretã ty vereador ti mu kã município de Manguairinha - PR. Ky inh sa vê ky han vy vyg ja ni Terra Indígena Manguairinha, ga ty campinas, kar camara de vereadores de Manguairinha-PR, kysã ty agosto kar novembro ty 2019 ky inh sonh ug ty penkar ag mre vi ky kãnh mu.

Palavras-chaves: Biografia. Ângelo Cretã. Política. Pã-i ag mre Kaingag.

ABSTRACT

This paper reflects on the study of biographies in the Social and Human Sciences taking as a starting point the biography of the chief and indigenous leader Ângelo dos Santos Souza Cretã, from the Indigenous Land of Manguairinha-PR. His trajectory was known for defending indigenous rights and the land reclamation in southern Brazil. In this sense, the work is also intended to reflect on politics and leadership among indigenous peoples, particularly the Kaingang people. The qualitative research carried out a bibliographical review about Ângelo Cretã's biographies found in academic works, field observation and interviews with Cretan family members, as well as analysis of documents referring to the period in which Cretan was a city councilor of Manguairinha-PR. The field observation was carried out at T. I Manguairinha, village Sede, and in the City Council of Manguairinha-PR, between August and November 2019, with five interviews.

Keywords: Biographies. Ângelo Cretã. Politics. Indigenous Leaders

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1.....	13
Mapa 2.....	14
Figura 1.....	26

LISTA DE SIGLAS

APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
T.I	Terra Indígena

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A LUTA PELO TERRITÓRIO NA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA...	12
1.1 A TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA.....	13
1.2 CRETÃ E A LUTA PELA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA.....	16
1.3 POLÍTICA E LIDERANÇA EM SOCIEDADES INDÍGENAS.....	17
2 O ESTUDO DE BIOGRAFIAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS.....	20
2.1 AS BIOGRAFIAS DE ÂNGELO CRETÃ.....	21
2.2 A IMPORTÂNCIA DAS BIOGRAFIAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO.....	22
3 A BIOGRAFIA DE CRETÃ ENTRE SEUS FAMILIARES.....	24
3.1 A FAMÍLIA DE ÂNGELO CRETÃ.....	25
3.2 LIDERANÇA INDÍGENA.....	26
3.3 ATUAÇÃO COMO VEREADOR DO MUNICÍPIO DE MANGUEIRINHA-PR.....	27
3.4 A RETOMADA DAS TERRAS INDÍGENAS NO SUL DO BRASIL.....	28
3.5 A MORTE DE ÂNGELO CRETÃ.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32
ANEXOS.....	34

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura analisar a trajetória de vida do cacique da Terra Indígena de Mangueirinha, Ângelo dos Santos Souza Cretã, em busca das conquistas pelos direitos indígenas, e sua representação na política ao ser eleito o primeiro vereador indígena do Brasil em 1976. Também pretende-se analisar as narrativas sobre sua morte, questionada até hoje por seus familiares. A história de Ângelo Cretã teve um grande impacto, não só nas áreas indígenas, mas também foi muito conhecido por não indígenas, por quem é lembrado como um “índio guerreiro”, que lutou até a morte por seu povo.

Nesse sentido, meu interesse se deu através da curiosidade em saber mais sobre a história que abrange a T.I Mangueirinha, situada nos municípios de Mangueirinha, Coronel Vivida e Chopinzinho, no Paraná, e habitadas por indígenas das etnias Kaingang e Guarani. Trarei um breve relato também sobre as terras indígenas do Rio Grande Sul e de Santa Catarina, que também tiveram retomadas através de sua luta. Com isso, percebe-se que as mesmas estão interligadas com a realidade da T.I Mangueirinha.

Ao fazer uma pesquisa sobre Cretã, busquei compreender a história da minha família, minha própria história e a história do meu povo. A pesquisa foi realizada a partir de fontes bibliográficas a respeito dos estudos sobre biografias nas ciências sociais e humanas, além de textos nas áreas de Antropologia e História a respeito dos Kaingang e sobre a liderança política indígena. Também foram realizadas entrevistas com parentes e pessoas que conviveram com Ângelo Cretã na Terra Indígena de Mangueirinha-PR e uma consulta a documentos da Câmara de Vereadores da cidade de Mangueirinha do período em que Cretã foi vereador.

Como acadêmica do curso Interdisciplinar em Educação do Campo - Ciências Sociais e Humanas: Licenciatura pude perceber a importância da Educação do Campo como modalidade diferenciada de educação, pois a mesma visa proporcionar aos sujeitos do campo a sua valorização, fazendo com que possam ter orgulho de suas origens, costumes e valorizar sua cultura e a identidade sociocultural. Um dos desafios da Educação do Campo é considerar o modo de vida dos povos do campo, incluindo os povos indígenas – apesar de estes serem povos originários e não necessariamente camponeses -, em uma dimensão empírica e teórica, além de fortalecer a educação como processo de apropriação de novos conhecimentos e transformação da realidade.

A Educação do Campo é uma educação pensada *para e com* os sujeitos do campo. Com isso, assume o desafio de pensar uma educação engajada nas lutas dos povos do campo,

contribuindo para a desconstrução destes povos como “atrasados” ou “sem conhecimento”. Sabemos que as antigas escolas “rurais” não apenas reproduziam o modo de conhecer da cidade, como contribuíram para aprofundar o preconceito com os sujeitos do campo.

A minha inserção como acadêmica em Educação do Campo e futura docente em escolas indígenas da região me fez refletir sobre a importância de estudar a biografia de uma liderança tão marcante como foi Ângelo Cretã para a construção de conhecimentos nas áreas das ciências sociais e humanas em comunidades indígenas, privilegiando suas visões de mundo e suas formas de conhecer e contar sua própria história.

1 A LUTA PELO TERRITÓRIO NA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA

No primeiro capítulo dessa pesquisa percorro um caminho voltado à representação política no exercício da liderança (cacicado) de Antônio Joaquim Cretã e seu descendente Ângelo Cretã, que desenvolvem durante suas trajetórias a luta pelo território da T.I de Manguueirinha, além de participarem no processo de retomadas de terras indígenas na região sul do Brasil.

Para situar cronologicamente e mostrar o objetivo do capítulo, começo pela contextualização da história da T. I de Manguueirinha, de como ela foi fundada e posteriormente ocupada pelos não indígenas (brancos), pois os Kaingang já moravam nesse território há muitos anos. Os Kaingang que viviam nestas terras foram expulsos quando elas foram vendidas para a família do deputado Aníbal Cury, que logo após as vendeu para a empresa de madeireiros Filhos & Filhos S.A. A T.I Manguueirinha é considerada até hoje uma das maiores reservas de Araucária do mundo, o que despertou a ambição entre os madeireiros da região.

Nesse sentido, também abordo aspectos históricos que foram trazidos pelos descendentes dos Cretã sobre a trajetória de vida e militância política de Antônio Joaquim Cretã e seu bisneto Ângelo. Isso trouxe um panorama do período em que Ângelo Cretã nasceu e viveu, sua infância e juventude, bem como uma compreensão da situação em que se encontravam os povos indígenas no sul do Brasil, pois os fatos ocorridos neste período com os índios de Manguueirinha foram de grande importância para a história dos povos indígenas de um modo geral. Além disso, trarei um breve relato de sua participação na política como vereador do município de Manguueirinha-PR nos anos 1970. Segundo Paulo Afonso de Souza Castro (2014: p.14):

Ao investigar as ações concretas de resistência cultural e luta pela terra, protagonizadas por Ângelo Cretã na década de 1970, outras temporalidades afloram à superfície das evidências decorrentes da pesquisa documental e de campo. Estas “camadas de temporalidades” se apresentam não apenas nos comportamentos e hábitos das pessoas, mas na sedimentação de uma consciência crítica decorrente da resistência indígena.

Nesse sentido, observou-se que a luta do cacique Angelo Cretã não representou apenas a retomada do território indígena, mas também a revitalização da cultura do povo Kaingang, através da garantia dos direitos de seu povo, “dos seus irmãos”, como Ângelo Cretã costumava dizer. Como primeiro vereador indígena, também atuou na política não-indígena. Cretã tomou posse na Câmara de Vereadores de Manguueirinha-PR no dia primeiro de fevereiro de 1977,

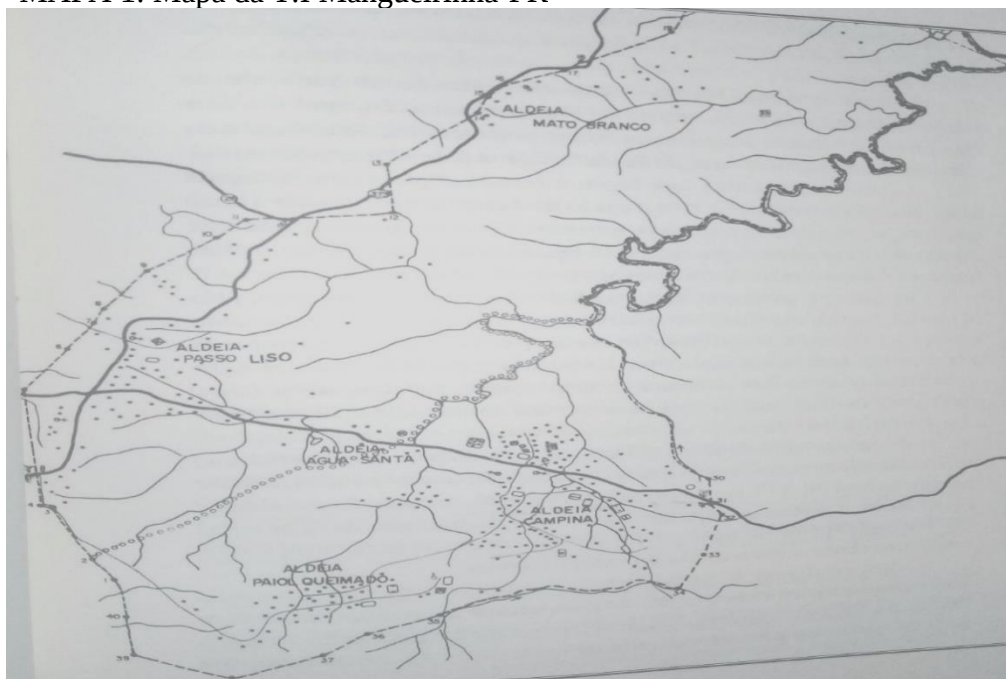
assim como mostram os documentos encontrados na Câmara de Vereadores da cidade. Infelizmente não se manteve por muito tempo em seu mandato, pois vinha sendo ameaçado de morte pelos que viviam ao redor da T.I, e acabou sofrendo um acidente de carro com causas ainda não totalmente explicadas.

1.1 A TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA

A T.I Manguairinha está situada na região sudoeste do estado do Paraná, inserida dentro dos municípios de Chopinzinho, Coronel Vivida e Manguairinha. A parte central é cortada pela rodovia Federal BR-373. Nessa parte estão localizadas as aldeias de Mato Branco e Passo Liso, habitadas basicamente pelas etnias Kaingang e Guarani.

Para chegar na aldeia Sede, é preciso deixar a BR-373 na altura do quilômetro 393, e entrar na PR-281, rodovia estadual. A sede do Posto Indígena está localizada na parte sul, e era chamada de “Campina do Cretã”. Agora não tem o mesmo nome, e é chamada apenas de “Campina” ou “Sede”. A seguir está situada a aldeia “Paiol Queimado”, onde residem algumas famílias Kaingang. Em seguida há outra aldeia Kaingang denominada “Água Santa”, onde são residentes muitos familiares de Ângelo Cretã. Finalmente, as aldeias “Iguaçu”, “Palmeirinha”, “Mato Branco” e “Passo Liso”. Ao todo, a T.I Manguairinha é composta por sete aldeias.

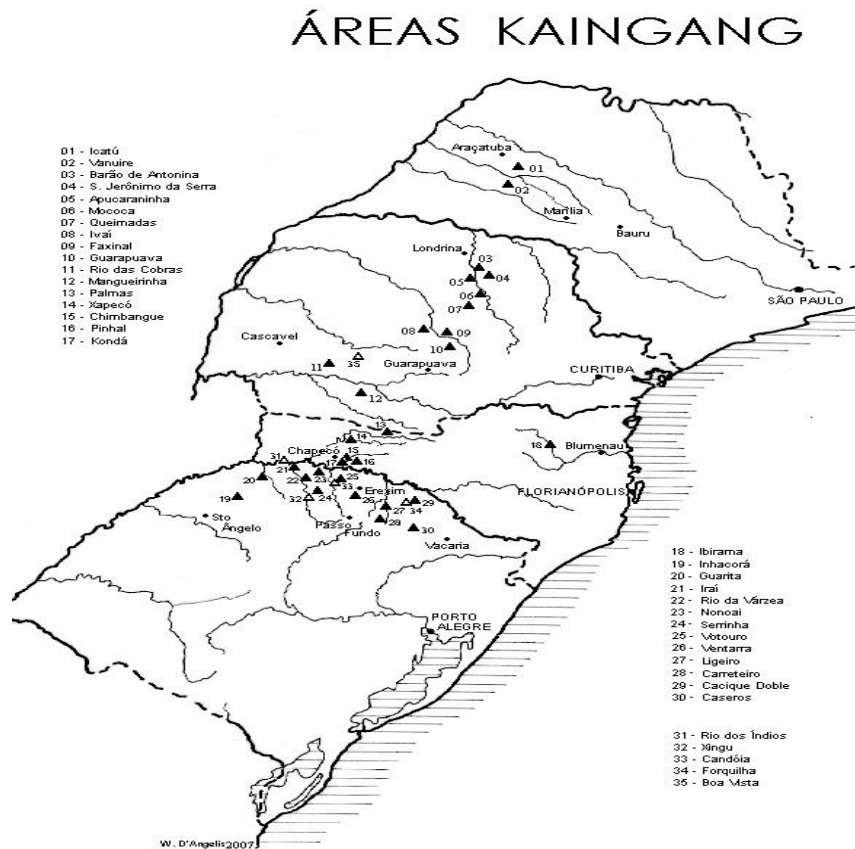
MAPA 1: Mapa da T.I Manguairinha-PR



Fonte: Portal Kaingang (2019)

Nota: baseado em W. D'Angelis, (2007)

MAPA 2: Áreas Kaingang



Fonte: Portal Kaingang (2019)

Nota: Baseado em W. D'Angelis, (2007)

Segundo o Site da FUNAI, a T.I Mangueirinha tem uma área física de cerca de 16.375 hectares. A região foi localizada através de militares, sendo os mesmos que fundaram a Colônia Militar do Chopim, com o projeto de defesa das fronteiras do sul do Brasil. A Colônia Militar foi criada em 1859, mas só foi instalada em 1882, como nos afirma Helm:

[...] foi instalada somente em 1882, por uma comissão de militares sob o comando do Capitão Francisco Clementino de Santiago. Eram 47 indivíduos mais os guias índios contratados para prestarem serviços na abertura de estradas, sendo que os índios eram conhecedores da região e eram exímios no corte do mato (HELM, 2018: 52).

O grupo criado pelo cacique Antônio Joaquim Cretã estabeleceu negociações com os diretores da Colônia. Em troca dos serviços prestados durante as picadas para construção de

estradas, negaram-se a receber o pagamento em dinheiro, pois reivindicavam a garantia de posse do território que era ocupado por eles. Segundo Helm (2018, p.52):

[...] o governo do Paraná decidiu reservar uma área de terras, para os Kaingang [...]. O grupo de Antônio Joaquim Kretã, o chefe político dos indígenas na região, foi contemplado pelo decreto nº64 de 02 de março de 1903.

Segundo Cavalheiro (2015), em 12 de maio de 1949, a Fundação Paranaense de Colonização e Imigração (FPCI) assumiu o controle sobre as antigas reservas indígenas da região, agora consideradas “terras devolutas”. Este ato do governo do Paraná reduziu drasticamente o território indígena, configurando um litígio grave, que marcou a luta pela retomada das terras indígenas no século XX.

Pires (1975) relata que a TI Mangueirinha foi diminuída de 15.840 hectares para 7.400 hectares, e, subdividida em três glebas pela FPCI: a gleba “C” ficou com 4.100 ha, e foi destinada aos Kaingang; a gleba “A” ficou com 3.300 ha, e foi destinada aos Guarani; e a gleba “B”, que contemplava a porção da terra mais rica em madeira, ficou com 8.840 ha, e foi designada para um grupo de madeireiros da família do Deputado Aníbal Cury, e posteriormente, transferida para a empresa F. Slaviero & Filhos S.A – Indústria e Comércio de Madeira (CAVALHEIRO, 2015: 45).

A partir desse fato, buscarei trazer a biografia de Ângelo Cretã, já estudada por outros pesquisadores como Castro (2011) e Baptista (2015), tentando perceber como sua memória aparece nas narrativas sobre a luta por direitos indígenas e sobre a representação do índio na política. Também entendo que sua trajetória é atualmente associada a uma luta permanente por defender nossa cultura e nossa língua. Conforme relatos feitos pelos indígenas mais velhos da T.I, pude observar que para eles a inserção do não índio foi criando uma “perda na cultura Kaingang” e na forma organizativa dos sistemas organizativos internos. Tanto os Kaingang quanto os Guarani dessa região falam as próprias línguas e o português, mas muitos jovens e crianças têm contato com a língua materna, muitas vezes, apenas na escola.

Atualmente residem cerca de 800 pessoas na T.I Mangueirinha, segundo dados de 2013 da SIASI/SESAI publicados no site “Terras Indígenas.Org.” Há na T.I três escolas estaduais e três postos de saúde, localizados nas aldeias Sede (ou Campina), Passo Liso e Palmeirinha (onde residem os Guarani). As atividades econômicas realizadas na T.I são a agricultura (cultivo de soja, milho, feijão, mandioca, entre outros), artesanato (vendido nas cidades próximas e na beira das rodovias próximas da T.I) e há também o trabalho assalariado em

empresas da região, escolas e postos de saúde na T.I e na FUNAI. O trabalho assalariado na T.I traz questões muito interessantes, analisadas por Cavalheiro (2015), como por exemplo a relação entre os indígenas e as relações de trabalho no sistema capitalista.

1.2 CRETÃ E A LUTA PELA TERRA INDÍGENA DE MANGUEIRINHA

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que existem grafias distintas para o sobrenome de Ângelo e outras lideranças de sua família. Optei por utilizar “Cretã”, como está em seus documentos pessoais, mas nesse caso houve um aportuguesamento, pois o nome em Kaingang seria *Krĩ Tãn* (o dono/mestre da montanha). Há ainda a grafia Kretã, que também passou por um aportuguesamento. De acordo com Baptista (2015), o nome Kretã na T.I Manguueirinha se relaciona à defesa do território, à liderança e à chefia. “Ser Kretã é ser líder, e ser líder é defender o território (BAPTISTA, 2015: p.8)”. Segundo Veiga (2004, p.64) *apud* Baptista (2015, p.8): “o nome Kaingang se constitui como *persona*: todo nome recebido já foi utilizado por alguém e, ao recebê-lo, o indivíduo assume todas as prerrogativas e deveres a ele relacionados”. Assim, alguns homens da família, como Antônio Joaquim, Ângelo e Romancil, receberam o nome *Krĩ Tãn* devido a sua luta em defesa do território. No entanto, a mãe de Ângelo também aparece com o sobrenome “Cretã” em alguns documentos pessoais.

Ângelo Cretã nasceu na T.I Manguueirinha- PR no dia 12 de dezembro de 1942, filho de Balbina da Luz Abreu dos Santos, da etnia Kaingang, e Gentil José de Souza Pinto. Seu pai não era índio. Gentil foi professor na cidade de Ponta Grossa-PR, e logo após Ângelo nascer abandonou sua mãe. Ângelo era bisneto de Antônio Joaquim Capanema Cretã pela via materna, e de acordo com Baptista, Ângelo fugiu à regra de nominação tradicional Kaingang, que é patrilinear, assumindo o sobrenome de sua mãe. Antônio Joaquim se tornou um personagem heroico para os Kaingang da T.I Manguueirinha, pois em 1949 o governador do Paraná, Moisés Lupion, fez um acordo com o governo federal, e esse acordo permitia que o governo do Paraná vendesse parte da T.I Manguueirinha para empresas privadas. Em 1961, o governo devolveu as terras indígenas, sendo que mais de 9.000 hectares tinham sido vendidos para o grupo Fort Escure, que posteriormente as venderam para o grupo Slaviero, os mesmos que instalaram uma serraria dentro da T.I, na atual aldeia Campina. Segundo Castro (2010):

O governador Lupion foi eleito com apoio dos grupos dos madeireiros, do qual era o mais expressivo representante, e seu mandato ficou marcado por controversas questões fundiárias [...] ávido em lucrar com a exploração de seus recursos naturais [...] (CASTRO, 2010: 30).

Nesse processo, muitos Kaingang, inclusive da família Cretã, foram expulsos de suas terras, e suas casas foram destruídas. Logo após o ano de 1973 a FUNAI entrou na justiça para reaver as terras dos indígenas, mas em setembro de 1979 o grupo Slaviero ganhou o processo em primeira instância. De acordo com Cavalheiro e Almeida (2018: p.28), “[...]a área total da TI é de 16.376 hectares, sendo que destes 8.975,76 hectares estão sub judice [...]”.

A partir do tratado feito por Antônio Joaquim pelas terras, seus descendentes passaram também a exercer o papel de liderança política na T.I Manguueirinha, atuando na defesa da preservação e vigilância do território tradicionalmente ocupado por eles. Com isso, Ângelo Cretã assume como cacique em meados da década de 1960.

1.3 POLÍTICA E LIDERANÇA EM SOCIEDADES INDÍGENAS

Estamos, portanto, perante a questão do poder político nas sociedades indígenas, que como na sociedade não-indígena, apresenta contradições e desafios. Há atualmente na T. I Manguueirinha leis internas como a eleição para cacique, a carta de anuência que é dada pelo cacique sobre os professores que podem ou não lecionar nas escolas etc., que têm gerado insatisfação em uma parcela da comunidade, sendo consideradas medidas autoritárias. Há toda uma forma da distribuição de serviços dentro da T.I que tem gerado desconforto por conta da forma como é determinada. Sobre esse ponto, o clássico livro de Pierre Clastres (1979.p. 28) faz uma reflexão interessante para pensar o caso da T.I Manguueirinha, constatando que na filosofia da chefia indígena da América do Sul a junção entre poder e coerção em geral não é bem vista:

Portanto, o modelo do poder coercivo não é aceite se não em casos excepcionais, quando o grupo se vê confrontado com uma ameaça exterior. Mas a conjunção do poder e da coerção cessa assim que o grupo passa a estar em relação apenas consigo mesmo.

Clastres descreve que o poder do cacique ou do líder indígena objetiva a harmonia entre as pessoas, ou seja, a função do chefe é apaziguar e trazer harmonia ao grupo. Observei que isso infelizmente não é a regra geral na T. I Manguueirinha. Durante a pesquisa, e também cotidianamente, como moradora da comunidade, observei diversos conflitos relacionados à expectativa sobre a postura da liderança. A comunidade hoje sofre muito com a junção entre coerção e poder político, mas também com a tímida participação feminina e da juventude, concentrando o poder no cacique. Como observou Ricardo Cid Fernandes (2006), a

antropologia da política, a partir dos exemplos etnográficos das Terras Baixas da América do Sul, tem demonstrado que as noções de “reciprocidade/troca” e de “público” são fundamentais para compreender a forma como as sociedades indígenas têm se relacionado com a questão do poder político. Ao se referir à etnografia sobre o pleito eleitoral de 2004 em Manoel Ribas-PR, quando os Kaingang da T.I Ivaí participaram ativamente do processo, Fernandes analisa:

Se definirmos política como uma efetivação possível do imperativo da troca, então os arranjos políticos dos Kaingang do Ivaí, naquela eleição, nos revelam um caráter negativo da reciprocidade: conflito. Se, por outro lado, analisarmos política como um processo de implementação de definições públicas, então o “15” e o “23” nos revelam que para os Kaingang do Ivaí ‘domínio público’ pressupõe, simultaneamente, inclusão e exclusão, ou seja, faccionalismo (FERNANDES, 2006: 31).¹

Os estudos sobre os Kaingang têm demonstrado que a entrada de serviços públicos nas terras indígenas, como escolas e postos de saúde, fez com que as unidades sociais dos grupos domésticos passassem a se concentrar em poucas aldeias, principalmente nas aldeias Sede. Este fator, de acordo com Fernandes, teria contribuído para o conflito pelo acesso aos serviços e para o aparecimento de um poder coercitivo e concentrado no cacique, contrariando a característica de reciprocidade que marcaria as sociedades ameríndias. Isto pode ser observado na T.I Mangueirinha também, pois a família de Ângelo Cretã teve recentemente um poder diminuído dentro da comunidade. A sede da T.I, que antes se chamava “Campina do Cretã”, agora é chamada apenas de “Campina”, talvez em uma tentativa de neutralizar a influência do grupo doméstico dos Cretã sobre a comunidade. Sobre a importância dos grupos domésticos Kaingang para a vida política desse povo, Fernandes explica:

O padrão de herança entre os Kaingang segue o ordenamento sócio-cosmológico da patrilinearidade, cabendo aos grupos familiares a transmissão de bens como terras, instrumentos e saberes, dentre outros. O grupo doméstico, por seu turno, não transmite bens, transmite relações. Seu legado não é a terra, mas suas relações políticas (FERNANDES, 2006:33).

Nesse sentido, a família Cretã, apesar de ter importantes lideranças políticas atuando na comunidade e fora dela - como Márcio Kokoj (meu parente e colega de curso) e Romancil Kretã (meu tio materno e filho de Ângelo Cretã), tem enfrentado conflitos internos com outros grupos domésticos e familiares que não serão abordados neste trabalho. No entanto, é preciso notar

¹ Atualmente a Etnologia Indígena tem questionado a noção de “faccionalismo” por apresentar-se como um conceito não condizente com as práticas e relações sociais indígenas, que seriam bem mais fluidas do que a ideia de facções fixas.

que estes conflitos marcam a questão do poder e da liderança política entre os povos indígenas hoje, particularmente os Kaingang no sul do Brasil.

2 O ESTUDO DE BIOGRAFIAS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

Na definição do que é uma biografia, Machado (2017) analisa que trata-se da apresentação de uma pessoa como protagonista. Com isso, deixa claro que é preciso retratar a realidade e os principais fatos ocorridos na vida particular de uma pessoa, podendo conter fotos, fatos contados por outras pessoas, incluindo nomes, datas e os principais acontecimentos. De acordo com Borges (2005: 14):

(...)A biografia é uma narrativa oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem. Pode, também, ser a compilação de biografias de homens importantes e gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou personagem (BORGES, 2005, p. 204).

Já em contraponto, a autobiografia, de acordo com Machado (2017) e Almeida (2014), apresenta-se como a narrativa da história de vida contada em primeira pessoa. Tanto a biografia quanto a autobiografia narram histórias que foram marco em alguma época ou se transformaram em um marco na história do mundo em si. Machado (2014), citando o historiador Eric Hobsbawm em sua autobiografia, analisa que a história do indivíduo é também a história do mundo. Hobsbawm (2002 *apud* Machado 2014) reflete sobre isso a partir de uma frase de Karl Marx:

[...] os homens fazem [suas vidas], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado; poder-se-ia acrescentar: e pelo mundo à volta delas (HOBBSAWN, 2002: 11-12 *apud* MACHADO, 2014: 150).

Portanto, o objetivo de minha pesquisa foi compreender como as biografias e autobiografias podem contribuir para entender a história da luta não apenas de Ângelo Cretã, mas do povo Kaingang no sul do Brasil. A trajetória de Ângelo Cretã contribui para o aprofundamento da compreensão dos aspectos da vida e memória de minha família e também de minha comunidade, demarcando a forte influência que teve sobre as concepções, ações e atitudes tomadas frente aos desafios que hoje nos são postos.

Embora o gênero biográfico nos estudos historiográficos contemporâneos tenha retomado seu prestígio, no passado foi muito criticado pela chamada Escola dos Annales, principalmente pela biografia tradicional ter enfatizado a vida de “heróis nacionais”. No entanto, entendo que a biografia de lideranças indígenas como Ângelo Cretã cumpre um papel

inclusive de luta anticolonialista, posto que a ideia de heroísmo historicamente foi negada às populações indígenas.

2.1 AS BIOGRAFIAS DE ÂNGELO CRETÃ

Ao investigar a história de Ângelo Cretã, me baseei em leituras feitas a partir do viés histórico, usando como referência trabalhos como o de Paulo Afonso de Souza Castro, que escreve sua pesquisa mostrando o protagonismo de Cretã na década de 1970, além de abordar outras temporalidades como evidências decorrentes do estudo de campo e pesquisa documental. Castro analisa que estas “camadas de temporalidades” se apresentam não apenas nos comportamentos e hábitos das pessoas, mas na sedimentação de uma consciência crítica decorrente da resistência indígena, bem como na percepção da importância das referências étnicas próprias. Usou também do estudo biográfico não somente estudando o povo Kaingang, mas também o povo Guarani, entre outros citados no seu trabalho, juntamente com relatos de conflitos históricos envolvendo índios e não índios.

Já Patrick Leandro Baptista (2015) traz em sua dissertação a história da T.I de Manguairinha, abarcando a história de Cretã e analisando através de pesquisa etnográfica como se constitui uma liderança Kaingang. Baptista descreve a trajetória da família Cretã, trazendo também um pouco da história do filho de Ângelo, Romancil Gentil Kretã, que seguiu os passos de seu pai, tornando-se também um grande guerreiro dos direitos indígenas. Baptista cita em sua dissertação uma frase bastante reconhecida de Romancil sobre a luta indígena: “Nós somos como se fosse um rio, podemos encontrar dificuldades no caminho, mas de alguma forma sempre passamos, e continuamos nosso caminho”.

Ângelo Cretã foi eleito o primeiro vereador indígena pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) em 1976, o que lhe garantiu projeção nacional. Com isso passou a defender como parlamentar os direitos dos povos indígenas do Brasil, especialmente a demarcação de terras, tornando-se o porta-voz de muitas demandas. Baptista esclarece que:

A década de 1970 é marcada por um processo de protagonismo indígena, período em que ocorreram um conjunto de mobilizações para a garantia de direitos básicos como saúde, educação e principalmente a terra, (...). As rebeliões indígenas também marcaram um processo em que mais de uma etnia se unem contra o processo de espoliação que estavam submetidos (BAPTISTA, 2015:22).

No entanto, sua morte repentina até hoje carece de explicação. Em 1980, sofre um acidente de carro em uma estrada dentro da T.I, o que causou uma grande comoção, não somente indígena, mas também dos não-índios. Diante da opinião de suas lideranças e de seus entes mais próximos foi considerado que ele foi vítima de uma emboscada, causada pelos “slavieros”, isto é, os dirigentes da madeireira Slaviero, instalada na T.I com o respaldo da FUNAI nos anos 1960.

O estudo da biografia de Ângelo Cretã na militância política e como cacique da T.I Manguairinha, sugere reflexões a respeito dos movimentos sociais indígenas e como acabou sendo considerado um dos principais articuladores das retomadas de terras indígenas do sul do Brasil. Nesse contexto, buscarei uma resposta mais aprofundada sobre a questão da luta indígena pela resistência física e cultural a partir de entrevistas com familiares e moradores da T.I Manguairinha. Entendo que o estudo de sua biografia e representação política contribuem significativamente para os propósitos da Educação do Campo, e enriquecem minha formação e atuação como futura professora em escolas indígenas e do campo.

2.2 A IMPORTÂNCIA DAS BIOGRAFIAS PARA A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Compreendo a importância das biografias tanto para os professores da Educação do Campo quanto para os professores indígenas. Ao trabalharem as biografias e autobiografias das lideranças indígenas, estão abordando a cultura e a história dos antepassados, contribuindo, nesse sentido, para evidenciar o protagonismo que o povo indígena teve e tem nos dias de hoje. Tanto a Educação do Campo quanto a Educação Indígena, como modalidades diferenciadas de Educação, visam necessariamente a produção de conhecimento que leve em conta os saberes das comunidades do campo e indígenas.

Nesse sentido, compreendo que minha formação em Educação do Campo me fez despertar o interesse em pesquisar a biografia de Ângelo Cretã, pois o mesmo traz em si uma história de luta e ações feitas a favor dos povos indígenas. Ao mesmo tempo, dentro do curso de Educação do Campo aprendi sobre a importância da luta pelo direito a terra, pela igualdade de acesso aos recursos naturais e responsabilidade pela defesa ambiental, como defendido pela Agroecologia. Meu contexto de formação me levou a procurar um engajamento teórico e político com a luta dos povos indígenas, mas também os povos do campo. Assim, entendo que as biografias podem contribuir para uma produção de conhecimento na Educação Básica que não apenas reproduza a história das elites e dos brancos. A educação do campo e indígena pode

se apropriar do gênero das biografias a fim de produzir conhecimento *para* e *com* as populações do campo e indígenas.

3 A BIOGRAFIA DE CRETÃ ENTRE SEUS FAMILIARES

Durante meu trabalho de campo na Terra Indígena de Mangueirinha entrevistei pessoas que conviveram com Cretã. Entrevistei no dia 15 de setembro de 2019 a senhora Maria Santana de Oliveira, na sua residência. A mesma tem 105 anos de idade e conviveu com Balbina, mãe de Cretã, acompanhando sua história e trajetória de vida. A mesma relatou que Ângelo Cretã era muito bem visto por todos e sempre gostava de ajudar quem necessitava, “tanto que quando morreu teve uma repercussão muito grande no seu velório, não tinha nem espaço pra ver ele, pois havia muita gente em seu enterro”.

Conversei também com Elvira Luiz dos Santos, 63 anos de idade, também moradora da T.I de Mangueirinha e esposa do finado Ângelo. Elvira relatou que se casou com Ângelo Cretã quando ela tinha vinte anos de idade, e desde bem cedo Ângelo já demonstrava interesse em ajudar os outros e em ser líder. Mencionou também que quando ele passou a ser cacique já começou a lutar pelo território que era deles por direito. Ela contou a história de que Antônio Joaquim Cretã, juntamente com seus companheiros, havia comprado as terras de Mangueirinha. Os mesmos tinham aberto picadas desde a cidade de Palmas, Pato Branco e Guarapuava, mas com o passar do tempo, o governo vendeu uma parte de suas terras expulsando os índios da parte central da comunidade. Com isso Antônio Joaquim Cretã assume como cacique e começa sua luta em favor dos direitos indígenas, do direito à terra.

Eloy Aparecida Cretã, filha de Cretã, 50 anos de idade, foi entrevistada no dia 16 de agosto em sua casa. Eloy é minha mãe e sempre comentou comigo as lutas e resistência de seu pai em relação aos direitos indígenas e ao seu protagonismo na política e na defesa das terras indígenas. Ela relatou que Ângelo sempre preparou a ela e seu irmão, Romancil, que algo poderia “acontecer” com ele, que “um dia ele iria sair vivo e só voltaria morto dentro de um caixão”. Mesmo assim, Eloy falou que foi um choque muito grande quando seu pai morreu, mesmo ele os aconselhando e contando que vinha sendo ameaçado de morte porque ele estava batalhando e lutando para ajudar os outros povos nas retomadas de terras deles.

Eloy conta que seu pai morreu quando ela tinha apenas sete anos de idade. O acidente de carro aconteceu no dia 23 de janeiro de 1980 e no dia 29 ele veio a falecer. Muito triste, relatou que tinham planos e desejavam muitas coisas. Que ele os ensinava a valorizar cada pessoa e sempre pedia a eles pra que nunca fossem egoístas; que cada índio tinha seu valor, mesmo que fosse morar em outra aldeia nunca deixaria de ser índio, e se viesse outro índio de outro lugar ou de outra aldeia a terra que eles moravam também seria deles.

Com relação a atuação de Cretã na política, Eloy falou que lembra muito pouco sobre isso, apenas recordando que ele estava montando projetos para ajudar a comunidade da melhor maneira pra que a comunidade fosse bem vista pela prefeitura de Manguairinha. A busca dele, tanto como vereador quanto como cacique era para o bem-estar da comunidade. Nesse sentido, Cretã era uma pessoa de pensamento crítico e sempre expressava seus ideais e aquilo que ele defendia. No entanto, de acordo com Eloy, Cretã não atuava sozinho, sempre pedia a opinião da comunidade sobre como ele estava agindo. Os moradores que estavam passando por necessidades, procurava de certa forma ajudar. “Então podia se dizer que da maneira que ele agia as pessoas tinham um carinho enorme por ele, não só os índios ele ajudava, mas também quem estava ao redor e que estava passando por necessidade”. Eloy, no entanto, relatou que é muito difícil para ela falar sobre seu pai, e que se emociona muito porque sente muita saudade.

Em seguida entrevistei Rose Mari da Silva, na T.I de Manguairinha, quando ela veio visitar minha mãe. Ela tem 51 anos de idade e é moradora atualmente da cidade de Guarapuava-PR. Enfermeira aposentada, trabalhou a maior parte do tempo de serviço na T.I Manguairinha e é considerada “filha adotiva” de Ângelo Cretã. Rose relatou que ele era uma pessoa muito amorosa, que todos gostavam muito dele, e resumiu em poucas palavras: “Cretã, homem guerreiro lutador, que sempre ajudou a todo mundo e que deixou muita saudade por onde passou. Sua representação como cacique deixou muita inspiração para os demais povos indígenas. Aquele que não tinha medo de nada, mas sim em proteger seu povo e com isso dando a possibilidade de terem um pedaço de terra para poderem criar seus filhos e netos”.

3.1 A FAMÍLIA DE ÂNGELO CRETÃ

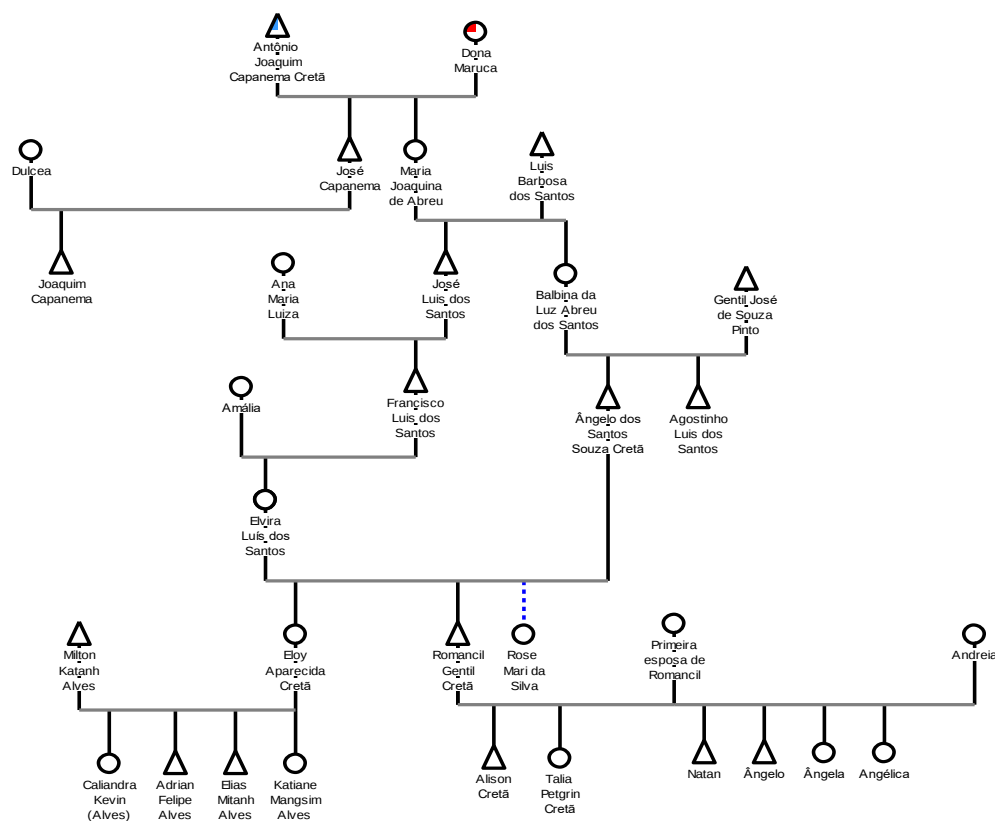
Angelo Cretã era casado com Elvira Luís dos Santos. Elvira reside na Terra Indígena de Manguairinha, e é aposentada. Durante o matrimônio com Elvira teve dois filhos: um deles é Eloy Aparecida Cretã, que é minha mãe. Eloy tem 50 anos é professora há 32, sendo a mesma concursada pela prefeitura do município de Manguairinha- PR. Eloy é casada com Milton Katanh Alves, natural de Nonoai-RS. Desde seus seis anos reside na Terra Indígena de Manguairinha. O mesmo trabalha como motorista executivo da Saúde Indígena, e juntos formaram uma família há trinta e dois anos. Eloy e Milton têm quatro filhos, sendo dois filhos do sexo masculino e duas do sexo feminino. O mais velho dos filhos chama-se Adrian Felipe Alves, motorista da saúde e agricultor. Em seguida, Caliandra Kevin Alves, casada e dois filhos, estudante da Universidade Federal da Fronteira Sul. Meu segundo irmão se chama Elias Mitanh Alves e exerce a função como motorista de caminhão na cidade Chopinzinho-PR. Por fim,

minha irmã caçula se chama Katiane Mangsim Alves, estudante do Instituto Federal do Paraná, campus avançado de Coronel Vivida-PR. Além dessas atividades econômicas descritas, todos têm também lavouras para ter um complemento econômico.

A família mora quase toda na T.I Manguairinha, sendo que apenas meu tio Romancil Gentil Kretã, mora atualmente em Curitiba-PR na aldeia TUPÃ NHE'É KRETÃ. Casado, tem dois filhos do primeiro casamento, Alison Kretã e Talia Petgrin Kretã. Sua atual esposa é Andreia, da etnia Guarani. Esta exerce a função de cacique da aldeia quando seu esposo viaja. Andreia também é liderança indígena e presidente da Saúde Indígena. Com ela, Romancil teve quatro filhos: Angélica, Angela, Ângelo e Natan, todos residentes da Terra Indígena TUPÃ NHE'É KRETÃ-Curitiba-PR. Romancil seguiu os passos de seu pai pela luta em busca dos direitos indígenas e pela demarcação das terras, combatendo também o desmatamento e o agronegócio nas terras indígenas.

Os parentes de Ângelo Cretã são os que têm os sobrenomes Luiz dos Santos e Capanema. Nesse ponto podemos observar que na região da Terra Indígena de Manguairinha a maior parte dos moradores são considerados parentes do líder Ângelo Cretã.

Figura 1: Genealogia de Ângelo Cretã



Fonte: Genealogia realizada no programa GenoPro a partir de informações coletadas durante a pesquisa de campo.

3.2 LIDERANÇA INDÍGENA

Segundo narrou Cecília Helm (2007), Agostinho Luís dos Santos era cacique antes de Ângelo Cretã. Agostinho era o irmão mais velho de Ângelo e pressionado por funcionários do SPI cumpriu determinações contrárias aos interesses indígenas, como trabalhar na demarcação dos limites da reserva impostos pelo “Acordo de 1949”. Quando percebeu que estava sendo coagido e manipulado pelo chefe do posto e funcionários do FPCI, afastou-se voluntariamente do exercício da liderança indígena. Ângelo Cretã passou então a liderar em meados da década de 1960 o movimento pela retomada da área central da Terra Indígena. Uma causa justa que uniu parentes antes afastados, e aproximava também os Kaingang dos Guarani.

Nesse sentido trago como exemplo a fala de um morador da T.I de Mangueirinha. João, mais conhecido como Joãzão, da etnia Kaingang, que conta a história de sua família e da ajuda que teve por parte de Cretã, ao serem despejados por militares de suas terras tendo sua casa queimada e suas criações mortas. Isso aconteceu na região do Morro Verde, uma comunidade no interior do município de Mangueirinha. Com isso, João afirma que Ângelo Cretã ao saber que estavam morando em situação precária e passando necessidades - pois na época as famílias eram grandes - foi até o local onde eles estavam acampados e os trouxe para morar em sua casa, dando comida, entre outros auxílios. João fala que “Cretã não tem comparação com ninguém porque era um homem guerreiro, ajudava a todos que precisavam sem distinção nenhuma”.

Elvira Luiz dos Santos Cretã também contou o quanto seu marido ajudava não somente seus familiares, mas também toda aldeia. Até mesmo os não índios foram ajudados por ele em sua candidatura a vereador, sendo eleito por várias pessoas que não eram da T.I., mas que conviviam com ele.

3.3 ATUAÇÃO COMO VEREADOR DO MUNICÍPIO DE MANGUEIRINHA-PR

Entrei em contato com a Câmara de Vereadores da cidade de Mangueirinha no dia 23 de setembro de 2019, levando comigo a declaração da UFFS-Laranjeiras do Sul, que constava o curso que eu estava fazendo e citando meu interesse em pesquisar arquivos do vereador Ângelo dos Santos Souza Cretã. Nesse dia fui recebida por Daiane Mattos, secretária que protocolou e carimbou minha declaração, além de ter agendado o dia para eu poder fazer minha pesquisa. Foi marcado o dia 24 de setembro, uma terça-feira. Mattos orientou que eu poderia estar lá em qualquer horário que eu quisesse, que a mesma iria deixar reservado todo o material dos anos em que Ângelo foi vereador.

Ao começar a procurar documentos relacionados a Cretã, fiquei sabendo que vários documentos haviam sido perdidos devido ao fato de serem escritos a mão, então foram poucos documentos encontrados, a maior parte deles apenas atas e nenhum detalhe de projetos que Ângelo juntamente com outros vereadores havia feito. Um dos documentos encontrados foi a ata da primeira reunião referente à oitava Legislatura da Câmara Municipal de Vereadores de Manguinhos- PR, que aconteceu no ano de 1977, no dia primeiro do mês de março.

Foi encontrado documento com a relação de nomes dos candidatos para pedido da carteirinha de identificação como vereadores, datado do dia 10 de agosto de 1977. Outro documento encontrado foi do comunicado do suplente que assumiu no lugar de Cretã como vereador após sua morte. Valdomiro Zampiva assumiu a suplência no dia 11 de março de 1980. Elvira Luiz dos Santos Cretã conta que Cretã viajava para São Paulo e Brasília em busca de melhorias para a comunidade e elaborou projetos para reforma dos direitos indígenas. Após eleito, atuou somente três anos, pois logo sofreu o acidente e veio a óbito.

3.4 A RETOMADA DAS TERRAS INDÍGENAS NO SUL DO BRASIL

Cretã foi um dos maiores protagonistas da retomada de terras, mas com isso construiu durante sua trajetória como líder e cacique várias rivalidades por seu modo de agir em relação aos direitos indígenas e à retomada de terras. Como exemplo, cito Paulo Afonso de Souza Castro (2011), que em sua dissertação fala sobre sua pesquisa em relação a retomada de terras feitas por Ângelo Cretã.

(...), uma questão de amplitude macrorregional, que envolvia todas as comunidades indígenas do sul do Brasil. O processo de retomadas de terras indígenas, no qual Ângelo Cretã foi um dos principais articuladores ao lado de Nelson Xangrê (CASTRO, 2011: 34).

Em relatos feitos por Maria Santana de Oliveira Castro, a mesma fala que a briga que existia na justiça em defesa das terras indígenas contou com respaldo dos advogados da FUNAI e foi iniciada no dia 20 de novembro 1974 por iniciativa de Ângelo Cretã, que era cacique da Terra Indígena de Manguinhos. Havia inclusive grupos como Carlos Gemin & Outros, que alegavam posse daquela mesma área que os Kaingang eram donos, e também brigavam nos tribunais com os advogados da empresa Slaviero para assegurar a sua parte naquela região. Segundo Castro, em suas entrevistas e depoimentos Cretã chamava a atenção da opinião pública, sensibilizando para a causa indígena a sociedade civil brasileira em sua grande maioria

alheia a estas questões. Um ano antes de sua morte, e sofrendo ameaças contra sua vida, o cacique Ângelo Cretã declarou para o cineasta Zelito Viana: “Seja qual for a decisão da justiça, contra ou a favor de nós índios, os Kaingang e Guarani vão invadir aquela área, mesmo que isto custe a nossa última gota de sangue. (...) Enquanto tiver vida um Kaingang, nós resistimos, peleamos por aquela terra, porque ela é nossa”.

A invasão anunciada por Cretã ocorreu em meados da década de 1980, quando os Kaingang e Guarani de Manguerinha, com apoio de lideranças de outras T.I's do sul expulsaram os funcionários dos Slaviero, retomando as terras da aldeia Sede, a chamada “Campina do Cretã”. Em estudos feitos por Castro, no jornal “O Estado de São Paulo” de 16 de agosto de 1980, podemos verificar o posicionamento da madeireira diante da iniciativa indígena que não aguardou a sentença da Justiça para reaver as terras que lhes haviam sido usurpadas:

A direção da firma Slaviero, proprietária de uma área litigiosa no Sudoeste do Paraná, invadida pelos índios de Manguerinha, informou que desconhece o fato. Segundo o advogado da empresa, se os índios ocuparam mesmo as terras, tal fato caracteriza-se como invasão de propriedade alheia e desrespeito ao Judiciário (O ESTADO DE SÃO PAULO, 16/08/1980).

Na época, os índios foram vistos como invasores de terras alheias, sendo que as terras haviam sido compradas pelo acordo que foi feito por Antônio Joaquim Cretã pelas picadas feitas por seu grupo. Ângelo Cretã não esperou o decreto de devolução da Terra Indígena e logo foi expulsando os “slavieiros”. Em decisão da justiça, os Kaingang e Guarani foram vencedores em primeira instância, mas em setembro de 1979, o juiz Lício Bley Vieira, da Segunda Vara da Justiça Federal em Curitiba deu ganho de causa à empresa Slaviero & Filhos.

3.5 A MORTE DE ÂNGELO CRETÃ

A morte repentina de Cretã é até hoje controversa. No dia 23 de janeiro de 1980 sofreu um acidente de carro em uma estrada dentro da T.I e acabou entrando em óbito no dia 29 de janeiro, o que causou uma grande comoção na comunidade. Na opinião das lideranças e de seus parentes, foi considerado que ele foi vítima de uma emboscada, causada pelos “slavieiros”, isto é, os dirigentes da madeireira Slaviero, instalada na T. I Manguerinha nos anos 1960 com o respaldo da FUNAI.

Em uma conversa com minha avó Elvira, ela relatou que Angelo Cretã era perseguido não somente pelos “slavieiros”, mas também por moradores dos arredores da aldeia da Palmeirinha, na T.I Manguerinha. Elvira disse que não se recorda do nome dos mesmos, que

não eram índios e começaram a ocupar as terras que os indígenas Kaingang e Guaraní viviam. Contou também que quando Ângelo Cretã visitava a T.I Rio das Cobras, em Nova Laranjeiras-PR, tinha que se disfarçar, colocando roupas diferentes para não ser reconhecido, pois o mesmo estava ameaçado de morte e precisava tomar precauções onde quer que fosse.

Elvira relatou também que um dia antes do acidente que o vitimou, ao irem para cidade de Coronel Vivida e Chopinzinho logo notaram que estavam sendo seguidos por um outro carro. A mesma contou que era um fusca azul, sendo que nele havia quatro homens. No dia do acidente, o mesmo carro estava parado no acostamento da estrada onde Cretã iria passar. Elvira contou que ao avistarem Cretã, que estava dirigindo um fusca vermelho, dispararam um tiro contra ele e nisso Cretã se perdeu e bateu de frente com uma carreta. Os homens que estavam no fusca azul foram encontrados com armas e cheques com a assinatura da madeireira Slaviero. Ao serem interrogados pelo delegado da época, os indivíduos afirmaram que o carro teria estragado e que por isso estava parado na beira da estrada.

Elvira contou que a morte de Cretã não foi bem explicada para ela e para os familiares, pois Cretã, após sofrer o acidente, estava lúcido e com batimentos estáveis, conversando e dialogando bem “e de uma hora pra outra morreu”. A sogra de Elvira, dona Balbina da Luz Abreu dos Santos, mãe de Cretã, contou que a enfermeira que estava cuidando de Cretã mencionou que foi oferecida água para ele, sendo que Cretã não poderia ingerir nenhum líquido, devido à cirurgia. Balbina contou que ao questionar a enfermeira sobre a água, recebeu como resposta que ela “não poderia fazer nada para impedir porque ela precisava do emprego, pois era seu ganha pão e não poderia perdê-lo”.

A morte de Ângelo Cretã teve repercussão no Brasil inteiro e chocou todos que viviam à sua volta. A falta de informações conclusivas sobre sua morte causa ainda mais indignação naqueles que conviveram com ele e entre outros povos indígenas que também tiveram lideranças assassinadas na luta por seus direitos. Quem matou e quem mandou matar Ângelo Cretã? Uma pergunta que persiste.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, conclui-se que o presente trabalho refletiu sobre o estudo de biografias nas Ciências Sociais e Humanas tomando como ponto de partida a biografia do cacique e líder indígena Ângelo Cretã, da Terra Indígena de Mangueirinha-PR. Além disso, refletiu sobre como a sua trajetória ficou conhecida ao defender os direitos indígenas e a retomada de terras no sul do Brasil.

Foram abordados aspectos históricos trazidos pelos familiares de Cretã e que marcaram sua trajetória. Isso levou a uma compreensão da situação em que se encontravam os povos indígenas no sul do Brasil, pois os fatos ocorridos neste período com o cacique de Mangueirinha foram de suma importância para a história dos povos indígenas de um modo geral, deixando em evidência que as negligências contra o povo indígena no Brasil vêm de muito tempo e seguem na mesma linha. Busquei também trazer um breve relato de sua participação na política como vereador do município de Mangueirinha-PR nos anos 1970, apontando para sua atuação política também no mundo não-indígena.

Ângelo Cretã, deixou seu legado em muitas das frases que hoje são lembradas por parentes e lideranças. “Pode morrer um Kaingang, mas haverá outros para lutar por nossos direitos”. Nesse sentido, este trabalho foi também a realização do legado deixado por meu avô, através de minha inserção na universidade, ocupando um território novo, que também é nosso, dos povos indígenas.

A Educação do Campo assume o desafio de proporcionar aos sujeitos do campo sua valorização, fazendo com que possam ter orgulho de suas origens, saindo da condição de uma representação como “atrasados” para competir igualmente como os demais. A minha inserção como acadêmica em Educação do Campo e futura docente em escolas indígenas da região, além de representar a luta dos povos indígenas por acesso ao ensino superior, me fez refletir sobre a importância em estudar a biografia de uma liderança tão marcante como foi Ângelo Cretã para a construção de conhecimentos nas áreas das ciências sociais e humanas em comunidades indígenas, privilegiando a sua história e os seus protagonistas. Enfim, suas formas de conhecer e contar sua própria história.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Francisco Alves de. A biografia e o ofício do historiador. **Dimensões**, vol. 32, 2014, p. 292-313.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandeza e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 203-234.

CASTRO, Paulo Afonso. Ângelo Cretã e a Retomada de Terras Indígenas no Sul do Brasil. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011 (Dissertação de Mestrado).

CAVALHEIRO, Aline da Rocha. Trabalho assalariado na Terra Indígena Manguaerinha: análise das estratégias Guarani e Kaingang. Pato Branco. UTFPR, 2015 (Dissertação de Mestrado).

CLASTRES, Pierre. **A Sociedade contra o Estado**. 2ª Ed. Porto: Edições Afrontamento, 1975.

FERNANDES, Ricardo Cid. O “15” e o “23”: políticos e política Kaingang. **Campos** 7(2):27-47, 2006.

HELM., Cecília Maria Vieira. A contribuição dos laudos periciais antropólogos para a investigação da antiguidade da ocupação de terras indígenas no Paraná. Curitiba, PR: Edição do autor, 2018.

HELM, Cecília M. Vieira. Disputa na justiça pelas terras de ocupação Kaingang, a decisão judicial. pg.2, trabalho apresentado na VII RAN, em Porto Alegre, 2007.

KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política. **Estudos Históricos**, n.24, 1999.

MACHADO, Maria Margarida. Aprendendo com histórias vida – um estudo sobre biografias e autobiografias. **Rev. Bras. de Educ. de Jov. e Adultos**, vol. 5, nº 9, 2017.

NASCIMENTO, Noeli Pinto do. Diversidade cultural ou culturas negadas – A Etnia Kaingang de Manguaerinha – PR. Pato Branco: Secretaria do Estado do Paraná (SEED): Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), 2010.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZELLI, César Augusto Barcellos; PETERSEN, Silvia Regina Ferraz; SCHMIDT, Benito Bisso; XAVIER, Regina Célia Lima. **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Editora UFRS, 2000, p. 161-173.

Sites da internet:

Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: www.socioambiental.org. Acesso em: 28/06/2019.

Terras Indígenas.Org. Disponível em www.terrasindigenas.org. Acesso em 28/06/2019.

ANEXOS

Ata de transmissão de posse de Vereadores da Câmara Municipal de Pequizeiro, Estado do Paraná.

Em 01 (Primeiro) dia do mês de Fevereiro de 1977 (Um mil, novecentos e setenta e sete) na sala de reuniões da Câmara Municipal de Pequizeiro, Estado do Paraná, sob a Presidência do vereador Jacaci Custódio da Fouseca. Reuniram-se os vereadores Jacaci Custódio da Fouseca; Antonio Bocco Neto; Jaime Cangui; Joaquim Ferreira dos Santos; Luiz Antonio Gualter e Luiz Ferreira Salda. O sr. Presidente depois de fazer a chamada e notar que havia quorum legal, deu por aberta a sessão solene, em seguida providou as novas vereadores senhores: Sidoros Dalchigian; Angelo dos Santos Souza, Neto; Ivo Noronha; Wilson Altamir Müller; Ovídio Mendes da Silva; Luiz Ferreira Salda; Horst Harry Schmidt. Valério de Souza e Francisco Custódio do Amaral, e em conjunto prestaram juramento. Após o que deu-se a eleição da Mesa, sendo designadas as chapas aos novos membros do legislativo ora empossados, terminado a optação, foi pelo sr. Presidente convocado os senhores Francisco Custódio do Amaral e Valério de Souza, para juntos cederem o escrutínio, tão logo terminado foi proclamada a Chapa Renovação como vencedora, e que fique assim constituída. Presidente Horst Harry Schmidt, Vice Presidente Sidoros Dal-



Estado do Paraná
CAMARA MUNICIPAL DE MANGUEIRINHA
Mangueirinha — Paraná

Of. Nº. 28/77. Mangueirinha, 10 DE AGOSTO DE 1977.

Sr. Secretário Geral da "FAMEPAR"

Com o presente estamos enviando ao Sr. Secretário Geral da FAMEPAR, EGON JOSÉ FREHL, a relação dos Srs. vereadores, da Câmara Municipal de Mangueirinha, Estado do Paraná, com seus respectivos nomes, data de nascimento, filiação, para ser feito suas Carteiras de Identificação, como vereadores, que são os seguintes:-

ISIDORO DALCHIAVON-Nasc. em 21/08/36-Filho de Benedito Dalciavon e D^a./ Marcelina Dalciavon-Título de Eleitor Nº.5.033-101^a.Zona Eleitoral-Pr."MDI

IVO NORCHANG-Nasc.em 08/06/45-Filho de Arlindo Norchang e D^a.Almerinda Norchang-Título de Eleitor Nº.3.142 da 101^a.Zona Eleitoral-Pr. "MDI

WILSON ALTAMIR MULLER-Nsc. em 18/08/43-Título de Eleitor Nº.2.601-101^a. Zona Eleitoral-Filho de Durval Renê Muller e D^a.Elfrida Renê Muller "MDI

ANGELO DOS SANTOS E SOUZA CRETÃ-Nasc.em 12/12/42-Filho de GENÉIL José de Souza Pinto e D^a.Balbina da Luz Santos Cretã-Título de Eleitor Nº. 3.435 da 101^a.Zona Eleitoral do Pr. "MDI

VALÊNCIO DE SOUZA Nasc.em 05/03/38-Filho de Laudelino de Souza Santos e D^a.Maria Ubaldina de Souza-Título de Eleitor Nº.4.389 da 101^a.Zona Eleitoral do Pr. "AREI

HORST HARRY SCHMIDT-Nasc.em 01/08/42-Filho de Paulo Schimidt e D^a.Alcina Schimidt-Título de Eleitor Nº.2.015 da 101^a.Zona Eleitoral do Pr."ARI

LUIZ FERREIRA CALDAS-Nasc.em 30/10/42-Filho de Pedro Silveira Caldas / Junior e D^a.Ana Ferreira da Silva-Título de Eleitor Nº.4.878 da 101^a. "ARI
Zona Eleitoral-Pr.

CONTINUA

CÂMARA MUNICIPAL DE MANGUEBRINHA

Manguebrinha

CONTINUAÇÃO

FRANCISCO CUSTÓDIO DO AMARAL-Nasc. em 11/05/41-Filho de Rufino Ramos do Amaral e D^a. Geraldina Custódio da Fonseca-Título de Eleitor Nº. 1.345-da 101^a.Zona Eleitoral Pr.

"ARI

Sendo o que me apresenta no momento e aproveito a oportunidade para enviar-lhe meus protestos de alta estima e consideração.


Horst Harry Schmidt-Presidente.

FUNDAÇÃO DE ASSISTÊNCIA AOS MUNICÍPIOS DO ESTADO
DO PARANÁ "FAMEPAR"
RUA MARIANO TORRES - 135 -
CURITIBA PARANÁ

Wylson Altamir, Albueller

~~Suplente de Vereador~~
~~Humane~~

Albino Monteiro de Silva

~~Humane~~

Ata da primeira Reunião
naria, referente a Bitava Legislativa
Câmara Municipal de Mangueirinha
Paraná.

Aos 01 (primeiro) dias do mês de maio
de 1977 (um mil novecentos e setenta e
sete) na sala das reuniões da Câmara
Municipal de Mangueirinha, Vereadores,
sob a Presidência do Vereador, Florio
H. Schimmidt, reuniram-se os vereadores
Francisco Custódio do Amaral, Albino
Monteiro de Silva, Luiz Fereira Galdas,
Lúcio de Souza, Jsidoro Dalcianovian
Luis Noronha, Wylson Altamir, Ma-
tes e Angelo do S.S. Cretão. As 20 horas
e 50 minutos, o Sr. Presidente verificou
do haver quórum legal, declarou aberta
a reunião e declarou que aquela reunião
seria para organizar as comissões
que é de praxe, na primeira
união de cada Legislativa, organizando
os mesmos de acordo com o Regimen-
to Interno e em seguida determi-
nar, que cada um deles em sua

Valério de Souza. Logo após o Presidente
 ora eleito tomou posse no cargo e no-
 meou a comissão que conduziria o Pre-
 feito eleito no recinto da Câmara para ser
 empossado e prestar juramento, em se-
 guida o sr. presidente agradeceu a presen-
 ça de todos e convidou os presentes para
 se dirigirem à Prefeitura Municipal
 para participarem das solenidades prece-
 tuais. Nada havendo a tratar o senhor encer-
 rou a sessão, convidando os vereadores pa-
 ra uma reunião no dia 08 do mês de
 Fevereiro de 1977. Sala de Reuniões da Câ-
 mara Municipal em 01 de Fevereiro de 1977
 Hum mil novecentos e Setenta e Sete. Esse tempo:
 O Presidente atual, senhor Juvenal Custó-
 dio da Fonseca, convidou o vereador
 mais idoso, senhor Ovídio Mendes da
 Silva, para presidir os trabalhos, e em
 seguida o mesmo anunciou a eleição
 da composição da mesa que foram
 apresentadas duas chapas. A chapa opo-
 sidente Geisel, assim composta: Presidente:
 Valério de Souza, vice: Horst Harry Sch-
 midt; 1º Secretário Francisco F. do Ama-
 ral, 2º Ovídio M. da Silva, sendo que
 a chapa vencedora recebeu 06 (seis) votos.
 Sala de Reuniões da Câmara Municipal de
 Mangueira, em 01 de Fevereiro de 1977.
 Hum mil novecentos e Setenta e Sete

Horst H. Schmidt.

Francisco F. do Amaral

Ovídio M. da Silva



Estado do Paraná

CAMARA MUNICIPAL DE MANGUEIRINHA

Mangueirinha

—

Paraná

Of. Nº. 01/80

Mangueirinha, 11 de março de 1.980

Exmo. Sr. Dr. TRAJANO AUGUSTO SANTOS PEIXOTO

DD. Juiz Eleitoral da Comarca de Cél. Vivida

Com o presente comunico-vos que no dia 8 de março de 1.980, assumi como Vereador nesta Casa, o Suplente de Vereador, VALDOMIRO ZAMPIVA, eleito pelo extinto Partido M. D. B. (Movimento Democrático Brasileiro) na vaga aberta pelo falecimento do Vereador, ANGELO DOS SANTOS E SOUZA GRETTA.

Aproveito a oportunidade para reiterar a Vossa Excelência, os protestos de Elevado respeito e distinta consideração.

Olivins Mendes da Silva
Olivins Mendes da Silva-Presidente da
Camara Municipal.